

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

CANTIGAS POPULARES DO DOURO

Recolhidas da tradição por

José B. d'Abreu Gouveia

(Continuação)

118

Direis que não pôde ser
O amor estar repartido;
Pôde estar em muitas bandas
E n'uma só ter o sentido.

119

Puz-me a chorar saudades
Ao pé d'uma sepultura;
A uma voz ouvi dizer:
Mal d'amores não tem cura.

120

Os teus olhos não são olhos,
São sanefas de veludo;
Oh! quem me dera gosar
Olhos, sanefas e tudo.

121

Dei um ai que fez tremer
Todo o convento dos frades,
Mais vale não ter amores
Do que morrer de saudades.

122

Já te quiz, já te não quero,
Já te amei, já te não amo;
A minha pouca assistencia
Te dará o desongano.

123

Os meus olhos a chorar
Fazem covinhas no chão;
Os meus choram pelos teus,
Os teus por quem chorarão?

124

Ninguem se fie nos homens,
Nem no seu-darão-darão;
Que elles promettem-nos o sol
E nem a sombra nos dão.

125

O rouxinol da Bahia
Tem o cantar solitario;
Como pôde ter juizo
Quem toda a vida foi vario.

126

Pela folha da videira
Bem conheço a da ramada;

Se sou tola é porque quero,
Qu'a mim não me escapa nada.

127

Tenho dentro do meu peito
Dentro do meu coração,
Um as letrinhas que dizem
Morrer, sim, deixar-te, não.

128

Ninguem se fie nos homens
E no seu doce fallar;
Que tem nas fallas assucar
E no coração resalgar.

129

Eu casei-me por um anno
A ver a vida que tinha;
O anno vae-se acabando,
Quem me dera solteirinha!

130

Dizem que o cantar espalha
As penas do coração;
Tenho cantado bastante
E as penas não se me vão.

131

A rola anda rolando
Por lhe tirem o ninho,
Não o fizesses tu, rola,
Tanto ao par do caminho.

132

Pedrinhas d'esta calçada
Levantae-vos e dizei,
Quem vos passcia de noite
Que eu de dia bem o sei.

133

Cuidavas por me deixares,
Que eu por paixão morreria;
Vão-se uns amores e vem outros,
Vivo na mesma alegria.

134

Corri o mar de joelhos,
De joelhos fui ao fundo,
Por amor de ti, menina,
Irei ao cabo do mundo.

135

O mar pediu peixe a Deus -
Para estar acompanhado;
Quando o mar quer companhia,
Que fará um desgraçado.

136

O mar pediu peixe a Deus,
O peixe pediu-lho fundura;

O homem é gentileza
A mulher é formosura.

137

O serpol é miudinho,
Nasce no meio do chão;
E' bem tolo quem se mata,
Quem por homem tem paixão.

138

Menina, se ha-de ser minha,
Ponha o pé na segurança;
Ha-de andar-me direitinha
Como o ouro na balança.

139

O amor quando se encontra
Causa pena e causa gosto;
Sobresalta o coração
Por subir a côr ao rosto.

140

Eu hei-de-te amar muito
Hei-de querer-te muito bem;
Hei-de tirar-te de casa
Sem o saber tua mãe.

141

O' meu amor da minh'alma
O sol de maio não queima;
Hei-de amar esses teus olhos
Só por causa d'uma teima.

142

Eu hei-de morrer cantando
Já que chorando nasci;
As glorias d'este mundo
Para mim tiveram fim.

143

O' minha caninha verde,
De salsa verde é o chão;
Quem não quer quo o mundo falle
Não lhe dê occasião.

144

Quando passardes por mim
Deitao os olhos no chão;
Podemos ser amiguinhos
E o mundo dizer que não.

145

O meu amor disse-me hontem
Que andava coradinha;
Os anjos do ceo me levem
Que essa côr não era a minha.

146

As telhas do teu telhado
São vermelhas e tom virtude;
Passei por ellas doente
E logo tive saude.

147

Menina não se namore
De homem que já viuou,
Uma falla, duas fallas:
—Mulher que Deus me levou.

148

A laranja quando nasce
Nasce logo redondinha;

Tambem tu, minha menina,
Já nascestes p'ra ser minha.

149

Na primavera do amor
A vida é uma flor,
O mundo é um jardim
E jardineiro o amor.

150

O' meu amor, se te fores,
Dizo-me a quem hei-de amar?
—Não ames a mais ninguem,
Que eu, se for, hei-de voltar.

151

O' meu amor da minh'alma
Tudo quo tenho è teu
Só a minha alma, não,
Quo é do Senhor que m'a deu.

152

Quando eu cuidei que tinha
Minhas penas acabadas,
Agora é quo ellas me vem
Cada vez mais augmentadas.

153

Menina, se quer saber
Como agora se namora;
Traga o lencinho no bolso
Co'a pontinha do fôra.

154

Fui ao Douro à vindima,
Não achei que vndimar;
Vindimaram-me as costellas,
Foi o que eu lá foi ganhar.

155

Venho de Cima do Douro,
D'aquella terra mofina;
Venho cheia d'agua-pé
E de rabos de sardinha.

156

Eu subi ao alto monte
Quem me agora ha-de descer?
Contigo cobrei má fama
Quem me ha-de agora querer?

157

Figos d'aquella figueira,
Quem vos houver de comer
Deve ter o pé ligeiro
Para subir e descer.

158

Se tu queres ir comigo
Tambem te eu quero levar;
Não quero que o mundo diga
Que te deixo aqui ficar.

159

Dizer que te vaes embora,
Flor do mangericão;
Se te vaes é porque queres,
Por minha vontade, não.

160

Minha barca tão formosa
Navega, não vás ao fundo;

Antes andar no mar largo
Que andar nas bocas do mundo.

161

O' triste segunda feira
Da semana que ha-de vir;
Vae-se o meu amor embora,
Quem o ha-de ver partir.

162

O nome do margarida
E' o nome de uma flor,
Logo me caiste em sorte
Margarida, meu amor.

163

Fui ao jardim dos affectos
Para colher uma flor,
Não achei amor-porteiro;
Achei perfeito o amor.

164

O meu amor é soldado
Da primeira companhia;
São os olhos mais galantes
Que tem toda a infantaria.

165

Fui ao jardim dos affectos
Acertei co'o desengano;
Colhi sua formosura
No mais delicado ramo.

166

Ao junquillo amarello
Nenhuma flor se afronta;
Descança, meu feiticinho,
Que eu só de ti faço conta.

167

Videirinha d'alvaras
Tambem deita os seus enleios;
Tambem eu deitava os meus
Se não fóra os arreceios.

168

O sete estrello rondeia
Lá por esses ceos afóra;
Recolhe-te, ô sete-estrello,
Que eu quero rondar agora.

(Continúa)



Os dictados meteorológicos

Os nossos lavradores têm velhos dictados, pelos quaes se regulam para a apreciação do tempo futuro; são

antigas observações meteorológicas que o tempo consagrou, e de que varias gerações verificaram a exactidão.

Póde a sciencia moderna rir-se scepticamente d'esta crença dos nossos bons aldeãos, mas a verdade é que em geral os dictados meteorológicos, como pessoalmente temos verificado, são exactos.

Para que o leitor, que se interessar pelo assumpto, possa verificar a certeza de varios adagios meteorológicos, como o temos feito de ha annos para cá, vamos indicar-lhe os principaes de entre os muitos pelos quaes se guia o agricultor portuguez:

*Agosto secco, inverno nevoso,
Outubro quente, fevereiro frio.
Tal outubro, tal março.*

Novembro quente, abril e maio frios.

*Dezembro quente, fevereiro frio.
Inverno secco, verão secco.*

Inverno rigoroso, primavera humida.

*Inverno aspero, verão quente.
Inverno com um grande desge-*

lo no meio, verão frio.

Inverno que começa cedo, acaba tarde.

Inverno que começa tarde, acaba cedo.

Verão chuvoso, inverno rigoroso.

*Verão chuvoso, outomno bom.
Outomno bom, primavera chu-*

*vosa-
Boa colheita de feno, inverno aspero.*

Quando o fevereiro fór muito frio, è preciso capote em agosto.

Janeiro secco, boa colheita de cereaes.

*Inverno de neve, anno de pão.
Janeiro muito frio, è signal de*

muito trigo.

*Dezembro frio e de neve, anno
de abundancia.*

Arnaldo Coelho.

A FONTE DO SARDÃO

(Ao Conde de Bretiandos)

Na encosta da «tapada do Pinheiro» (freguezia de Moure, concelho de Villa Verde) entre o caminho publico que a cõrta da nascente a poente e os campos de «Santo Antonio», murmura brandamente a lendária «Fonte do Sardão».

Ou seja pela excellencia da agua que alli se bebe; ou pela amplitão e variedade do horisonte que d'alli se alcança; ou pela lenda sobrenatural que lhe diz respeito; é certo que toda a gente d'estas redondezas falla da «fonte do sardão» com muita sympathia contando com grande fé a famosa lenda do sardão.

As raparigas cantam-lhe versos que já ouviram ás suas avós e que estas já receberam das gerações passadas.

Não é facil, nem interessa muito, colligir todas as quadras dispersas que fazem allusão á fonte, ou á sua lenda.

Recolhi as seguintes:

Na fontinha do sardão
brincam juntos os pastores
é alli que os corações
começam os seus amores.

A fontinha do sardão
conta os segredos alheios
quem fór lá escutar de noite
traz os dois ouvidos cheios.

Na fontinha do sardão
cãe a agua d'um penedo
as moças que alli beberem
casam todas muito cedo.

O sardão que está na fonte
deita a agua por medida
quem assim governa a casa
será farto toda a vida.

Abre a fonte, sardão velho,
deixa correr com fartura
se me ouves lá de dentro
attende a quem te procura.

Fui á matta do Pinheiro
fallar ao sardão da fonte
a conversa que tivemos
não é cousa que se conte.

Vamos á lenda que é simples e pequena:

Crê-se que dentro da fenda do penedo, d'onde a agua são, reside ha muitos seculos um sardão que tomou o encargo de regular a quantidade d'agua que ha-de fornecer a fonte! E está assim satisfactoriamente explicada a particularidade que a fonte tem de não verter mais agua no inverno nem menos no estio.

Que grande vida a d'este patusco, eternamente fresco, de cara na agua, conversando com as raparigas sobre cousas «que não se contam»...

Creio em ti, lendario aucião e sollicito guarda da deliciosa agua: poupa esse liquido para os teus freguezes e guia a vertente sobre as vinhas immediatas onde eu conhecerei as tuas obras—pela traducção de Noé.

L. Machado.